

Análise da competência experiencial na coleção História e Vida Integrada (2008) - Mapas e Textos

Carla Karinne Satana Oliveira¹

Neste trabalho² utilizamos as ideias de Jörn Rüsen no texto “O livro didático ideal”, especificamente da competência experiencial. De acordo com Rüsen,

O aprendizado histórico depende da disposição de se confrontar com experiências que possuam um caráter especificamente histórico. Que experiências são essas, e do que necessita para fazê-las? Não se trata apenas da apreensão de que algo foi o caso no passado. Nada é histórico só porque ocorreu. O caráter histórico de algo consiste numa determinada qualidade temporal. A experiência de que se fala aqui é a da distinção qualitativa entre passado e presente, que o passado é qualitativamente outro tempo do que o presente. (RÜSEN, 2007b:110).

Da competência experiencial destacamos aqui dois itens: os mapas e os textos. Esses itens foram observados na coleção História e Vida Integrada (2008) de Nelson Piletti e Claudino Piletti.

Os mapas “ilustram a dimensão espacial dos processos históricos, e isto cria o difícil problema de como a apresentação estática de um mapa pode fazer chegar aos sentidos dos alunos a extensão e a mudança no tempo.” (RÜSEN, 2010:120). Para Rüsen, os mapas devem possibilitar ao máximo uma percepção da temporalidade, uma vez que o espaço no qual se desenrolam os acontecimentos não pode ser visto como imóvel em relação ao tempo.

Para tanto, ele (2010) afirma que mesmo que os mapas ilustrem fenômenos sincrônicos, eles devem apresentar, na medida possível, referências diacrônicas. Rüsen não apresenta diretamente as definições de sincronia e de diacronia, porém fica subentendido que a sincronia refere-se aos fatos que acontecem simultaneamente em dado recorte de tempo, já a diacronia está relacionada à passagem do tempo, à mudança em diferentes ritmos.

¹ Mestre em História (UFPB), pesquisa financiada pelo CNPq.

² Esse trabalho é um pequeno da dissertação de mestrado intitulada “O livro didático ideal” em questão: estudo da teoria da formação histórica de Jörn Rüsen em livros didáticos de história (PNLD-2008).

A partir dessas recomendações de Rüsen, procuramos observar nos mapas da coleção História e Vida Integrada, se prevalecia a dimensão sincrônica ou a dimensão diacrônica dos fenômenos históricos na representação espacial, o resultado pode ser visto na Tabela 1.

Tabela 1 – Dimensão espacial dos fenômenos históricos - Mapas

Dimensão	5° série		6° série		7° série		8° série		Total	
Sincrônica	22	85%	14	78%	16	73%	11	73%	63	78%
Diacrônica	4	15%	4	22%	6	27%	4	27%	18	22%
Total	26	100%	18	100%	22	100%	15	100%	81	100%

Observamos que 78% dos mapas da coleção estudada a dimensão sincrônica prevalece, na qual determinados conteúdos históricos são representados espacialmente por um recorte temporal específico, sem sinais de mudança no tempo, como podemos ver na imagem 1.

Imagem 1- Dimensão sincrônica



Fonte: *Atlas historique – Histoire de l'humanité*. Paris, Hachette, 1987; SÉRRIN, Pierre & BLASSELLE, René. *Atlas Bordas géographique et historique*. Paris, Bordas, 1996.

Fonte: PILETI, Claudino; PILETTI, Nelson, 2005 - 6ª série

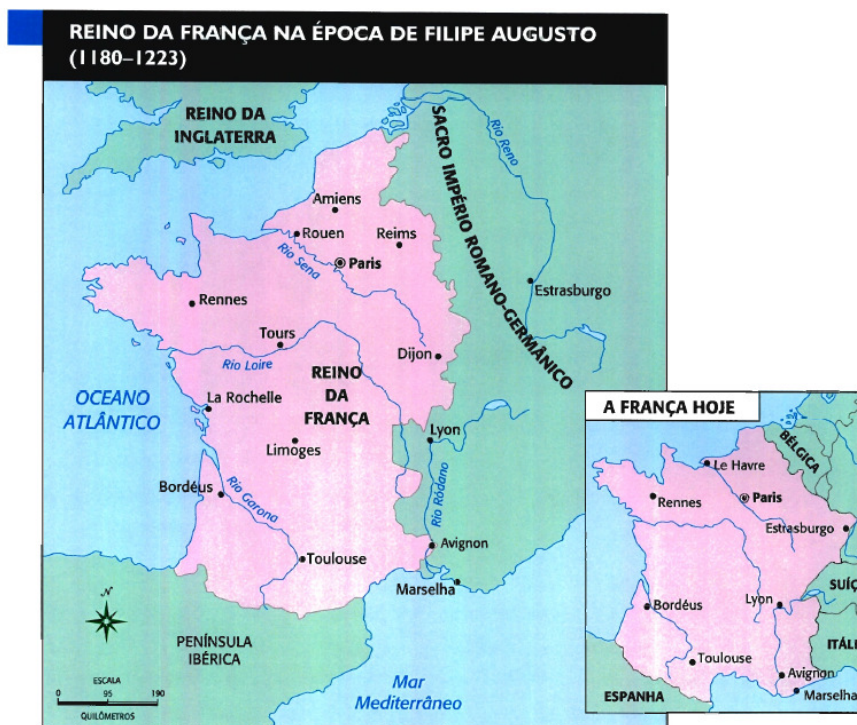
Na imagem 1, temos um mapa que apresenta o espaço ocupado pelo Império de Carlos Magno, no mapa há uma indicação do tempo, um recorte específico entre o século VIII e IX, enfatizando que a representação espacial se restringiu a determinado período, constituindo fronteiras de determinada época, é dessa forma que maior parte dos mapas foi utilizada no decorrer da coleção didática.

Em relação à dimensão diacrônica, (ver Tabela 3), identificamos que 22% dos mapas possuem certos mecanismos que indicam a mudança dos acontecimentos históricos no espaço.

Há um mapa que em foi apresentado diversos territórios e os momentos em que foram anexados para formação da Itália: entre 1859-1860, decorrentes de guerra contra a Áustria; em 1860, através de territórios cedidos à França e incorporações por meio de campanhas; passando por territórios anexados em 1870 e mencionando até os territórios pretendidos, que só foram incorporados em 1919. Sendo assim, a unificação da Itália, na representação espacial, não acontece de maneira estática, pois as legendas, cores e indicações de tempo sugerem que as mudanças temporais são contempladas.

Outro exemplo da dimensão diacrônica pode ser observado na Imagem 2:

Imagem 2- Dimensão diacrônica



Fonte: *Atlas historique – Histoire de l'humanité*. Paris, Hachette, 1996; SERRYN, Pierre & BLASSELLE, René. *Atlas Bordas géographique et historique*. Paris, Bordas, 1996.

Fonte: PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson, 2005 - 6ª série

Na imagem 2, a dimensão diacrônica realiza-se por meio de uma comparação do mapa em determinado momento histórico e a organização territorial na atualidade. É possível observar, de um lado, as permanências da organização da França nos séculos XII e XIII até aos dias atuais, de outro, as mudanças dos territórios fronteiriços, uma vez que o antigo Sacro Império Romano-germânico, na atualidade constitui os territórios da Bélgica, Suíça e Itália e países limítrofes (caso da Alemanha, não explicitado no Mapa). Logo, com essa comparação, observamos a transformação na organização territorial com o tempo.

Após análise e exposição dos mapas concluímos que a maior parte deles (78%) se distancia das indicações de Rüsen, uma vez que possuem valor estático, prevalecendo a dimensão sincrônica, que não é indicada por ele, enquanto apenas 22% dos mapas introduzem, junto à representação espacial, referências às mudanças no tempo, atingindo a dimensão diacrônica, considerada por Rüsen como a mais adequada para possibilitar ao aluno o entendimento da temporalidade através dos mapas. Agora, discutiremos outro material histórico abordado por Rüsen que analisamos na coleção didática: os textos.

Rüsen afirma que os usos de textos de outra autoria devem estar diferenciados do texto expositivo, e que estes não devem ser usados apenas para ilustrar a apresentação, não devem ser curtos e, além disso, não devem destacar somente seu “conteúdo de informação, mas também o valor que as informações tenham no contexto histórico global” (RÜSEN, 2010:121).

Partindo da reflexão de Rüsen, procuramos compreender a maneira que os textos de outra autoria apareceram na coleção didática e identificamos três tipos gerais: os documentos históricos, os textos informativos (retirados de revistas, jornais e sites) e textos retirados de livros (de diversas áreas e livros especificamente de historiadores). O resultado, podemos ver na tabela 2.

Tabela 2 – Tipos de texto

Textos	5ª série		6ª série		7ª série		8ª série		Total	
Textos jornalísticos	18	28%	19	24%	21	26%	19	24%	77	25%
Documentos Históricos	13	21%	28	35%	15	18%	28	35%	84	28%
Livros	32	51%	32	41%	46	56%	32	41%	142	47%
Total	63	100%	79	100%	82	100%	79	100%	303	100%

Na tabela 2, observamos que 25% dos textos de outra autoria da coleção “História e Vida Integrada”; diz respeito a textos jornalísticos de caráter informativo, veiculados em revistas, jornais e sites. O principais veículos de comunicação citados ao longo da coleção podem ser visualizados no Quadro 3.

Quadro 3 - Principais veículos de comunicação

Nome	Veículo de comunicação
Folha de São Paulo	Jornal
O Estado de São Paulo	Jornal

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Veja	Revista
Isto é	Revista
Folha Online	Jornal eletrônico/Site

Assim, temos os veículos de comunicação mais citados nos 4 livros da coleção. Além disso, é importante acrescentar que tais textos apareceram nos boxes complementares próximos aos textos explicativos, na seção de atividade “Textos e Contextos”, porém predominantemente foram utilizados na seção de atividade denominada “Nosso Mundo Hoje”. Segundo o manual do professor, tal seção tem o objetivo de

(...) estimular o aluno a trabalhar o tempo presente em perspectiva histórica. Aqui [seção Nosso mundo hoje] o aluno coloca-se perante uma situação do mundo contemporâneo, trabalhando assuntos relacionados à cidadania, ao meio ambiente, às questões de gênero, de guerra e paz, de riqueza e miséria, de tolerância e preconceito, de trabalho e lazer. **O ponto de partida é uma notícia de jornal e revista.** Por isso, é importante que o professor discuta com os alunos as peculiaridades de tais fontes. (PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson, 2005:5 – Manual do Professor).

Nessa citação os autores apresentam as intenções da seção de atividades e enfatizam o uso de jornais e revistas na sua concretização.

Há um exemplo da seção de atividade “Nosso mundo hoje”, extraído da Folha de São Paulo no ano 2002. Nela, Walter Salles apresenta sua visão de cineasta sobre os descendentes dos Incas e o legado da conquista europeia no continente americano, enfatizando a permanência da dominação imposta até os dias atuais, e por meio da fala de um menino de 10 anos ressalta a grandeza Inca e a incapacidade dos colonizadores. Neste caso, a seção cumpre intenção proposta, que é a abordagem do presente numa perspectiva histórica por meio de matéria de jornal.

Outro tipo utilizado na coleção didática foram textos exercendo a função de documentação histórica. Identificamos 28% do total de textos, os mais diversos tipos de documentação como poemas, discursos, fábulas, juramentos, escritos de filosofia, literatura, relatos, trechos do Alcorão, contratos, epístolas, regimentos, biografias, cartas, letras de música, constituições, sermões, cordéis, entre outros.

O uso dessa documentação acontece predominantemente junto ao texto expositivo em Boxes complementares, que podem ser observados na imagem 3 .

Imagem 3-Documentação Histórica (1)

“Eu te amo, meu Brasil”

Assim como o Estado Novo, o governo militar também usou a propaganda para exaltar o regime, por meio de canções populares. Veja, como exemplo, a seguinte canção de Don e Ravel:

*Eu te amo, meu Brasil, eu te amo
Meu coração é verde, amarelo, branco, azul-anil
Eu te amo, meu Brasil, eu te amo
Ninguém segura a juventude do Brasil [...]*

E a marchinha de Miguel Gustavo, tocada em todas as rádios, durante a Copa do Mundo de 1970:

*Noventa milhões em ação
Pra frente Brasil do meu coração
Todos juntos, vamos
Pra frente Brasil
Salve a seleção
De repente é aquela corrente pra frente [...]*

Fonte: PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson, 2005:157 – 8ª série

Na imagem 3, temos dois exemplos de documentação histórica que tiveram uma função basicamente ilustrativas, tais fontes foram utilizadas junto ao texto expositivo para reforçar uma ideia já apresentada.

As canções foram usadas para demonstrar a propaganda do regime militar que utilizava diversos mecanismos para exaltar o governo. Entretanto, além dessa função ilustrativa, alguns documentos tiveram um tratamento mais próximo à prática historiográfica, como na seção Oficina da História.

Na seção “Oficina da História” há um texto que apresenta três emendas da constituição norte-americana para serem trabalhadas como fonte histórica. Essa seção tem justamente essa finalidade, de proporcionar aos alunos atividades que relacionem as fontes de um determinado período como meio para elaboração do conhecimento histórico. Para

tanto, a atividade em questão incentiva a pesquisa em dicionários, a comparação com outro documento (a declaração de independência), estimula a discussão em sala e a elaboração de texto.

O último tipo de texto que identificamos na coleção foi o retirado de livros, os textos constituem 47% dos 303 textos contabilizados na coleção didática. Podemos subdividir esse tipo de texto em dois grupos, um de livros de assuntos gerais ou produções de especialistas em diferentes campos que constroem visões sobre história ou áreas afins como filosofia (Marilena Chaui), biografia (Fernando Morais), antropologia (Darcy Ribeiro, Lilia Moritz Schwarcz), arqueologia (André Prous, Paulo Funari), jornalismo (cartunista Henfil), economia (Paul Singer).

O outro grupo trata-se do uso de textos historiográficos, no quadro 4, temos a lista de alguns dos historiadores usados no decorrer da coleção.

Quadro 4– Alguns Historiadores utilizados na coleção

Historiadores	Série
Jaime Pinsky; Ciro Flamarion Cardoso, Paul Veyne; Perry Anderson; José Murilo de Carvalho; Eric Hobsbawm	5° série
Perry Anderson	5° série, 6° série
George Duby; Ronaldo Vaifas; Jacques le Goff; Perry Anderson	6° série
Fernand Braudel; Sérgio Buarque de Holanda; Luiz Felipe de Alencastro e Maria Luiza Renaux	7° série
Esmeralda Blanco Bolsonaro; Eric Hobsbawm; Marc Ferro; Maria Helena Capelato	8° série

De acordo com o Quadro 4, os textos dos historiadores são usados nos livros didáticos que tratam dos assuntos nos quais eles são especialistas. Por exemplo, no livro da 5ª série que aborda a História Antiga, destacam-se Jaime Pinsky, Ciro Flamarion Cardoso, Paul Veyne e Perry Anderson; no livro da 6ª série, que discute História Medieval, utilizam Jacques le Goff e George Duby; no livro da 7ª série, que aborda aspectos da História do Brasil, usam Sérgio Buarque de Holanda, Luiz Felipe de Alencastro e Maria Luiza Renaux; já no livro da 8ª série, que debate a história contemporânea, se apropriam de Eric Hobsbawm e Nicolau Sevcenko.

Neste sentido, observamos o uso de uma historiografia atualizada e especializada na coleção didática no qual os textos de autoridades acadêmicas nas temáticas corroboram com a exposição do texto didático, dando credibilidade à argumentação realizada.

Tal tipo apareceu com mais frequência nos textos explicativos e na seção de atividade denominada “Texto e Contexto”.

Há um texto do historiador Perry Anderson, especialista em História Medieval, extraído do livro Passagens da Antiguidade ao feudalismo. Trata-se de um texto informativo que mostra alguns elementos que contribuíram para consolidação do feudalismo. Da mesma maneira que esse texto, os outros de autoria de historiadores inseridos junto ao texto principal cumprem basicamente a mesma função problematizadora, apresentando aspectos novos sobre a temática abordada, em uma perspectiva histórica de teor acadêmico.

Após fazer essa exposição de como os textos de outra autoria aqui organizados em textos jornalísticos, documentos de época e textos de livros com destaque para os historiográficos, podemos finalmente identificar os pontos de convergência e divergência entre a coleção didática e às indicações de Rüsen sobre a utilização de textos.

De início, constatamos aproximações quanto à delimitação de seu valor de experiência, pois os textos são claramente diferenciados da apresentação principal seja em boxes, seja nas seções de atividades, convergindo com a afirmação de Rüsen de que eles “se delimitem claramente da parte da apresentação”. Além disso, para Rüsen os textos “não devem ser curtos a ponto de não transmitir uma ideia real das circunstâncias da vida passada”; na coleção didática observamos uma variação do tamanho dos textos pequenos, médios e longos que são utilizados, sem prejuízo para a sua compreensão.

Outro aspecto mencionado por Rüsen é que os textos “têm que cobrir os âmbitos de experiência mais importantes”. (RÜSEN, 2010:121). Visualizamos uma diversidade de temáticas e de âmbitos da experiência contemplados. Citaremos alguns temas aleatoriamente, a fim de apresentar uma noção dessa variedade: mulheres nas diversas sociedades, industrialização, mão-de-obra infantil, coronelismo, cotidiano dos egípcios, mumificação, origem do mundo, escravidão, educação espartana, infância romana, Jango no poder, movimento sionista, influência africana, poder do senhor de engenho, a televisão brasileira, a conquista da lua entre muitos outros, portanto diferentes aspectos da experiência foram apreciados.

Um último ponto que é abordado por Rüsen é que os textos não “devem servir exclusivamente para ilustrar a apresentação (...) e devem induzir perguntas e ser interpretáveis, (...) [além disso,] seu conteúdo de informação deve está relacionado ao “contexto histórico global.” (RÜSEN, 2010:121).

Logo, verificando a coleção estudada, concluímos que com exceção de alguns documentos utilizados, próximos ao texto expositivo, a maior parte dos textos não são meramente ilustrativos, eles possuem uma função problematizadora agregando dados ao que já foi exposto e estimulam a interpretação, principalmente, na seção de atividades “Oficina da História”, “Nosso Mundo Hoje” e “Textos e Contextos” utilizando também uma abordagem histórica que vai além do caráter informativo.

Aqui, aqui apresentamos os resultados da comparação entre as afirmações de Rüsen sobre a competência narrativa (mapas e textos) e os elementos encontrados na coleção História e Vida Integrada.

Em suma, os mapas analisados predominantemente se distanciaram das ideias de Rüsen, uma vez que os mapas em sua grande parte apresentaram um valor estático. Já na observação dos textos, encontramos muitos pontos de convergência ao abordado por Rüsen, na medida em que os diferentes textos que identificamos como documentos históricos, textos informativos de jornais, revistas e sites, textos historiográficos e de especialistas não possuem só uma função ilustrativa, mas também uma função problematizadora, estimulando a interpretação.

Referências

CHOPPIN, Alain. **História dos livros e das edições didáticas**: sobre o estado da arte. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566, set./dez. 2004.

COSTA, Aryana; Oliveira, Margarida Dias. **O ensino de História como objeto de pesquisa no Brasil**: no aniversário de 50 anos de uma área de pesquisa, notícias do que virá. In: Revista Saeculum nº 16, João Pessoa, 2007. 147 – 160.

FREITAS, Itamar. Livro didático de história: definições, representações e prescrições de uso. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; OLIVEIRA, Almir Félix Batista de (orgs.). **Livros didáticos de história: escolhas e utilizações**. Natal: EDUFRN, 2009.

RUSEN, Jorn. O livro didático ideal In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; MARTINS, Estevão; BARCA, Izabel.(orgs.) **Jörn Rösen e ensino de história**. Curitiba:Ed.UFPR, 2010. p. 109-127.

. _____. **Razão histórica**: teoria da história - fundamentos da ciência histórica. Brasília: UNB, 2001.

. _____. **Reconstrução do passado**: teoria da história II – formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: UNB, 2007a.

. _____. **História Viva**: teoria da história III – formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: UNB, 2007b.

Livros Didáticos

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. **História e Vida Integrada**. São Paulo: Editora Ática, 2005. [5º série]

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. **História e Vida Integrada**. São Paulo: Editora Ática, 2005. [6º série]

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. **História e Vida Integrada**. São Paulo: Editora Ática, 2005. [7º série]

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. **História e Vida Integrada**. São Paulo: Editora Ática, 2005. [8º série]